

## 9. Normas para a Congregação

### 9.1. O desenvolvimento das regras

“Toda sociedade bem organizada é dirigida por regulamentos. Pelos regulamentos, atinge a sua finalidade”.

Dentro deste princípio, Pe. Gaspar pensou em escrever as regras. Todavia, quando instituiu a congregação, ainda não tinha escrito nada a respeito.

A primeira norma foi ele mesmo, sua vida, seus exemplos.

Por ele e por sua conduta, os primeiros Estigmatinos pautavam as próprias atitudes.

Como, porém, cedo ou tarde era necessário dar início à redação das novas regras, o fundador começou a escrevê-las, depois de muitos anos de vivência entre os companheiros no convento.

Mas não escreveu tudo de uma vez ou em curto espaço de tempo. Podemos dizer que foi escrevendo à maneira de quem usa um conta-gotas: uma frase hoje, outra amanhã, ou depois de amanhã, ou mais tarde ainda.

Estudava, rezava, pedia orações, examinava as primeiras experiências do convento dos Estigmas. Depois, conforme ia percebendo a expressão da vontade de Deus através de tudo isso, lançava por escrito, um por um, os artigos de suas regras.

### 9.2. A finalidade da Congregação

Pe. Gaspar cogitava com que fórmula indicaria a finalidade e a mentalidade da congregação. Já tinha determinado que o fim era evangelizar, não havia dúvida, mas queria definir uma frase que esclarecesse bem luminosamente esse fim.

A resposta lhe veio exatamente através das missões que ele mesmo estava ajudando a pregar: vendo, com seus próprios olhos, o enorme benefício ocasionado pelas missões, enquanto pregava na Igreja de São Firmo, concebeu a idéia de que sua Congregação teria por finalidade reunir e formar missionários, pregadores da Palavra de Deus.

O Evangelho de São Mateus termina com estas palavras:

“Os onze discípulos foram para a Galiléia, para a montanha que Jesus lhes tinha designado. Quando o viram, adoraram-no. Entretanto, alguns hesitaram ainda. Mas Jesus lhes falou: “Toda autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, pois, ensinai a todas as nações; batizai-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ensinai-as a observar tudo o que eu vos mandei. Eis que estou convosco todos os dias, até o fim do mundo”.” (Mt 28,16-20)

Jesus dá aos seus apóstolos, portanto, a ordem de ensinar a todas as nações; dá, também, o conteúdo deste mesmo ensinamento: o que ele mesmo ensinou.

Ora, os bispos são os sucessores dos Apóstolos. Por isso, a eles cabe o dever principal de ensinar, isto é, pregar o Evangelho de Jesus Cristo, tudo o que Jesus ensinou. Como o sacerdote participa do poder pleno do bispo, ele também deve ensinar, ou pregar a doutrina de Jesus, na dependência do próprio bispo.

Então Pe. Gaspar, iniciando com o título com o qual ele mesmo fora agraciado, em 1817, devido ao êxito das missões populares de São Firmo (veja 6.6), assim expressou o conteúdo da finalidade da congregação: **MISSIONÁRIOS APOSTÓLICOS EM AUXÍLIO AOS BISPOS.**

Foi assim expressa, portanto, a Constituição número 1 do Fundador (CF 1). Era a inspiração sentida durante a extraordinária missão de maio de 1816 em São Firmo, que tomava forma concreta e jurídica.

É interessante observar que Pe. Gaspar, ao determinar sua congregação, antecedeu-se aos tempos, pois o Concílio Vaticano II, mais de um século depois, colocou em realce a doutrina sobre os bispos.

Uma visão profundamente evangélica, além de bem atual, foi explicitada no Capítulo III do memorável documento intitulado “Lumen Gentium”.

### **9.3. A caridade fraterna: distintivo da Congregação**

O assunto que ele mais desenvolveu nela foi a caridade fraterna. Tanto realçou este aspecto da vida prática dentro da congregação, que por pouco o assunto da união caridosa entre os confrades toma a metade do regulamento: das 314 regras, 128 são dedicadas a este tema.

A caridade fraterna deveria ser não apenas uma regra para os seus seguidores; deveria ser muito mais que isso: “O DISTINTIVO DA CONGREGAÇÃO”.

Leia-se o que escreveu ele a este respeito: “Todos tenham como escopo e distintivo do espírito da sua vocação aquela expressão de Nosso Senhor Jesus Cristo: NISTO CONHECERÃO TODOS QUE SOIS MEUS DISCÍPULOS, SE TIVERDES AMOR UM PARA COM O OUTRO” (CF 187).

Bem sabia ele que a união faz a força. Também sabia que, quando esta união é sobrenaturalizada pela virtude da caridade, em vivência real, tal qual a quis Jesus Cristo, então a força se multiplica intensamente.

Decorre daí que a congregação, assim profundamente unida, representa uma energia vital dentro da Igreja, seja no que se refere à virtude e vida perfeitamente cristã de cada um de seus membros, ou no que diz respeito ao zelo e eficácia do apostolado na pregação e anúncio do Evangelho.

### **9.4. A santidade evangélica**

A evangelização não é um empreendimento de ordem natural, como, por exemplo, a lavoura, a indústria, o comércio, a escola; ela se situa em um nível muito mais alto. E de ordem sobrenatural, e por isso precisa de meios sobrenaturais também.

Pe. Gaspar resume tudo isso nesta expressão latina: “CONTEMPLATA TRADERE”.

“Tradere” significa comunicar aos outros, por meio da pregação, tudo aquilo que o Estigmatino viveu na sua vida espiritual, na sua união com Deus, toda a sua vivência batismal.

“Contemplata” significa que aquilo que antes foi contemplado na meditação das verdades evangélicas, na recitação das preces, na celebração da Santa Missa, e que foi transformado em vida intensamente espiritual pelo crescimento diário e contínuo na virtude, isso deve ser proposto aos outros.

Trata-se de uma espécie de contemplação, vivência de Deus, ou uma reprodução da vida divina em todos os aspectos da vida do Estigmatino.

O verdadeiro Estigmatino precisa, pois, ser antes de tudo um verdadeiro cristão, um religioso, um sacerdote eminentemente exemplar.

Assim, repleto de Deus, terá sentido real o que ele prega, qualquer que seja o tipo de sermão, desde a simples catequese às crianças até as homilias dominicais, as novenas solenes, retiros, missões etc.

Por isso, a esse propósito, Pe. Gaspar citava aquela frase do Evangelho: “Quem permanece em mim e eu nele, este produz muito fruto” (Jo 15,5).

Veja-se como ele entendia isso em uma de suas cartas:

“Deus quer que vivamos da vida espiritual, que espiritualizemos tudo, de tal forma que não demos nenhuma importância a tudo o que é objeto dos nossos sentidos. Elevando-nos acima de todas as coisas, estejamos mergulhados profundamente nele. Confiados na sua infinita misericórdia e bondade, não nos deixemos afastar dele, quaisquer que sejam os acontecimentos em torno de nós”.

Parece impossível atingir o grau de perfeição que ele exige. Na verdade, porém, o próprio Cristo nos diz: “Devemos ser perfeitos como nosso Pai celeste é perfeito” (Mt 5,48).

Coerentemente, Pe. Gaspar escreve, ainda:

“Deus nos fez participantes de sua natureza divina para que já não vivamos nem nos comportemos conforme a nossa. Por isso, não devemos medir as forças da primeira natureza (a humana), mas da segunda, que nos foi comunicada pela graça de adoção de filhos de Deus”.

Conclusão: a vida de quem prega o Evangelho deve ser vida intensamente evangélica, para que a pregação não venha a tornar-se vazia e morta, sem o testemunho da conduta e sem o calor da graça de Deus.

### **9.5. A importância do estudo**

Pe. Gaspar entendia, ainda, que não basta tender à santidade evangélica para que o pregador esteja em condições de comunicar aos seus irmãos a palavra divina. É necessário também o Estudo.”

Nisto, ele nos dá um preclaro exemplo, como nos deu de santidade.

Já sabemos quanto ele se aplicava aos estudos, desde o tempo da juventude, principalmente no que diz respeito às ciências eclesiais. Conhecemos o zelo com que, mesmo depois de ordenado sacerdote, dedicou-se em aprofundar os seus conhecimentos, seja individualmente ou em grupo com outros companheiros.

Nas suas constituições aponta como meio para atingir a finalidade da congregação a perfeição na doutrina eclesial.

Leia-se o que ele escreve, a certo ponto de suas constituições: “Nesta congregação... é necessária não uma ciência comum, mas um perfeito conhecimento de tudo o que se refere à fé e à conduta.”

Pe. Gaspar quer que haja, em todos os seus religiosos, um sério conhecimento da Sagrada Escritura.

Acrescenta igualmente a prescrição de estudar a Tradição da Igreja, através dos Santos Padres, estudar a Liturgia, as decisões dos Concílios Ecumênicos, os decretos dos Papas e dos Bispos, junto aos quais se vai trabalhar, as prescrições do Direito Canônico, a Teologia Dogmática e a Teologia Moral, a Teologia Mística, a História da Igreja, a Filosofia. O programa dos cursos que Pe. Gaspar quer seja desenvolvido nos cursos e após a formatura é intenso e vasto.”

Tem razão. Afinal, é prejudicial à Igreja e à glória de Deus o pregador que, ao invés de comunicar aos fiéis a palavra divina, transmite apenas um palavreiro frouxo e sem substância, exatamente por falta de estudo e preparo.

Como também é prejudicial o pregador que, ao invés de anunciar o Evangelho, apregoa a política, o sindicalismo, os erros teológicos.

É, pois, justíssima a norma, deixada aos seus Estigmatinos, de que se tome o estudo com toda a boa vontade e perseverança, a fim de utilizá-lo como material substancial das pregações, palestras, conferências, catequeses, missões, retiros etc.

Vejamos o que ele escreveu em uma das constituições:

“Nesta Congregação clerical, cuja finalidade é não apenas contemplar para si, mas também transmitir aos outros as verdades contempladas, requer-se uma ciência não comum, completa o mais possível, a respeito da Fé e da Moral; portanto, é necessário que os religiosos clérigos deste Instituto se apliquem em adquirir uma competência incomum em todas as áreas do saber” (CF 49).

E ainda: “Em cada um dos ramos do saber haja, pois, alguém ou alguns que se apliquem com estudo especial, por um tempo mais longo e com maior empenho, já que isto é de suma utilidade para se poderem exercer os diversos ministérios em favor da Igreja, sempre em consonância com os diferentes tempos e circunstâncias”.

### **9.6. O espírito de abnegação**

A primeira disposição íntima do pregador, ou mentalidade com que ele deve distribuir o pão da palavra de Deus, é o espírito de abnegação. Significa isto que Pe. Gaspar exige do Estigmatino a disposição de se sacrificar, no intuito de atingir as almas a salvar.

Ele quer, por exemplo, que os seus seguidores na congregação estejam dispostos a ir para qualquer lugar, a chamado dos superiores, na evangelização dos homens. Suas palavras, neste ponto, são taxativas. Diz nas regras fundamentais: “Estejam dispostos a ir para qualquer parte, na diocese e no mundo inteiro”.

Ora, isto ninguém executará sem uma grande dose de abnegação e disponibilidade.

Algumas constituições exprimem o espírito de abnegação:

“Os Estigmatinos devem ser livres de dignidades, residências, benefícios e da orientação perpétua e particular de almas e de religiosas” (CF 4).

“Dispostos a ir a qualquer lugar da diocese e do mundo” (CF 5),

“Sob a orientação e dependência dos Ordinários do lugar onde se pregarem missões” (CF 2).

Muito instrutiva aqui a explicação dada a estas expressões por um dos primeiros padres da congregação estigmatina, o Pe. Lenotti: “Nos não somos destinados a ficar parados, mas devemos estar prontos, como os soldados, e dispostos a ser úteis a todos e não apenas na diocese, mas igualmente em todo o mundo. Por isso, se algum dos nossos for de opinião de que já existe muito que fazer na diocese, sem que se vá dilatando e estendendo o serviço também nas outras, mostraria bem que não tem o espírito do nosso Instituto”.

### **9.7. A gratuidade do serviço**

Uma segunda qualidade requer o fundador, de todos os membros da sua congregação: a gratuidade do serviço. A frase dele, redigida nas regras fundamentais, é claríssima: “Servir a Deus e à Igreja de maneira absolutamente gratuita” (CF 3).

Tem razão. A palavra de Deus e a salvação das almas não são objeto de comércio, de modo algum.

Por isso, o evangelizador precisa evangelizar conforme o Evangelho, que apresenta Jesus dando ordem aos seus apóstolos nos seguintes termos: “Por onde andardes, anunciai que o reino dos céus está próximo; curai os doentes, ressuscitai os mortos, purificai os leprosos, expulsai os demônios. Recebestes de graça, de graça dai (Mt 10,7-8).

### **9.8. A aprovação oficial da congregação**

Apesar de haver escrito regras de alta sabedoria cristã para os membros da sua congregação, não deu nenhum passo no sentido de pedir à Santa Sé a aprovação oficial do próprio Instituto.

Por que? Seria por sua grande humildade? Sem dúvida que sim.

Ele dotou a congregação não somente de regras apropriadas, mas também de patrimônio material, a fim de lhe dar solidez e substância também sob este aspecto.

Não queria, porém, ser considerado o fundador da congregação. Desejava cumprir a vontade de Deus, que era de fundar a congregação, mas, uma vez fundada, queria que seu próprio nome desaparecesse.

Ele era muito humilde. Preferia agir, mas esconder-se sempre no fundo da humildade. Se pedisse a aprovação à Santa Sé, é claro que seu nome apareceria.

Por isso, somente depois da sua morte é que foi requerida e obtida a aprovação oficial da congregação.

## 10. A Escola dos Estigmas

No capítulo referente à fundação da Congregação já falamos, inicialmente, do motivo da fundação da escola (veja 7.4). Posteriormente, narramos os tempos iniciais nos Estigmas: as dificuldades com um imóvel que necessitava de reformas e com as acomodações insuficientes, que obrigavam os padres a, todos os dias, “transformarem” os quartos em salas de aula, e vice-versa (veja 8.1).

O problema das acomodações começou a ser resolvido em 1823, quando Pe. Brugnoli projetou a construção de uma habitação para os padres, e aí os alunos puderam dispor de espaços mais amplos para as suas atividades (veja 8.2).

Contudo, como tudo que Pe. Gaspar empreendia, com dedicação plena e, principalmente, por amor a Deus e aos irmãos, a Escola dos Estigmas teve grande êxito.

Nada melhor do que citar as palavras de um dos primeiros biógrafos de Pe. Gaspar, o Pe. João Batista Lenotti: “Concluídos os estudos naquela escola, saíam os alunos excelentes em piedade e conhecimentos. Muitos tornaram-se padres, e entre estes não poucos se tornaram pastores de almas; muitos chegaram a ser religiosos em varias congregações, dentre os quais alguns foram para a América, no Chile, como missionários; muitos se fizeram pais de família e se distinguiram na piedade e na fé cristã e no bom governo da casa.



Foram tantos, finalmente, os bons êxitos obtidos pela Escola dos Estigmas, que Pe. Gaspar viu na instituição escolar um dos possíveis meios de evangelização da juventude. Em consequência, nas regras da congregação que iria fundar apontou as escolas como instrumento para atingir a mentalidade cristã da mocidade.

Mas, com o tempo, tornou-se difícil a continuidade da escola, pois os padres eram muito procurados para a pregação, a catequese, a confissão. Por outro lado, os jesuítas também tinham aberto escola própria em Verona, e esta viria preencher a

lacuna deixada pelo fechamento da escola de Pe. Gaspar.

Assim, em 1843, depois de 27 anos de funcionamento, a Escola dos Estigmas encerrou suas atividades, e os alunos foram transferidos para a escola dos jesuítas.

Fechou-se a escola, mas ficou a saudade das belíssimas aulas de Pe. Gaspar, e de sua maneira jeitosa de educar os alunos. Mais tarde, em 1878, reabriu-se a escola, depois da morte de seu fundador.

## **11. As virtudes de Pe. Gaspar**

As virtudes refletem a santidade de uma pessoa.

Assim, antes de entrarmos no assunto das virtudes propriamente dito, examinaremos como Pe. Gaspar se condicionou para viver e desenvolver as suas virtudes, e quais foram os sinais ou fatos extraordinários que as caracterizaram.

### **11.1. Condicionamentos das virtudes**

Os condicionamentos das virtudes são a oração e o estudo. A oração é imprescindível, e o estudo é muito útil.

#### **a) A oração**

Pe. Gaspar argumenta pela Sagrada Escritura que a oração é tão necessária que deve ser contínua: “É necessário orar sempre, sem intermissão”.

E reflete: “Tenho a impressão de que, rezando, a gente cresce na oração. A diligência em rezar atrairá maior abundância do Espírito Santo. E este Espírito ajuda a nossa fraqueza, de forma que, mesmo aqui na terra, chegaremos a oferecer o sacrifício perpétuo, perene, o holocausto que de si mesmos oferecem os Anjos e os Santos no céu, diante de todos.

Censura, ainda, a falta de oração: “Quando antes não se faz bem a oração, não se pode falar bem nem mesmo de Deus”.

Por esta razão, detestava o modo de vida daqueles sacerdotes e religiosos aparentemente zelosos nas obras de apostolado, ou de caridade, mas pobres de oração.

Pe. Gaspar aplicava toda a sua diligência nas diversas orações próprias do sacerdote. De modo particular, “a Santa Missa era a mais santa alegria do seu coração”.

Quanto à meditação, que fazia diariamente, buscava ali o calor da devoção e da piedade sólida. Dizia: “Por quanto grave que seja o vosso cansaço, por reduzido que seja o tempo a disposição para o vosso repouso, não permitais nunca que seja eliminada da vossa vida esta hora, totalmente vossa e demasiado necessária, da vossa meditação”.

Preferia omitir qualquer outro empenho a deixar, uma vez que fosse, a meditação, tanta era a importância que dava a esta interiorização diária das verdades da fé.

Pe. Gaspar recorria à oração em todas as circunstâncias da vida. E, dentro deste enfoque, chamava a atenção do clero para “que não se dedicasse tão arduamente aos ministérios a ponto de esquecerem a própria salvação”.

#### **b) O estudo**

O estudo não é propriamente uma virtude. Mas, realizado com as intenções com que o realizava Pe. Gaspar, era fruto e penhor de grande virtude. Ele estudava levado pelo zelo da salvação dos homens e pela diligência em atingir a glória de Deus.

Além disso, o seu estudo, sempre feito com muita humildade, foi tão assíduo, diário, cercado de tanto sacrifício, que nele vamos descobrir diversas virtudes, como, por exemplo, o espírito de sacrifício, a responsabilidade no cumprimento do dever etc.

Acresce que o estudo bem orientado torna a virtude mais esclarecida, fornece motivações úteis e importantes nas opções comportamentais, elimina muitas dúvidas que, de outra sorte, sobreviriam nos caminhos da fé.

Desta forma, efetuado com a boa intenção de agradar a Deus e exercer melhor o apostolado e a vida virtuosa, o estudo é poderoso alimento da virtude.

O estudo, para ele, fica em um nível muitíssimo abaixo da oração. Entretanto, nem por isso deixa de ter sua parte valiosa na vida de um sacerdote responsável e dedicado.

Para Pe. Gaspar, o estudo sempre teve três características: formador da inteligência, educador do caráter, favorecedor do apostolado.

Ele nunca estudou para exibir sabedoria diante dos homens, a fim de receber elogios. Suas intenções eram muito mais altas, não se destinavam a estas misérias do egoísmo.

Desde os anos de simples estudante, distinguia-se dos colegas pela seriedade com que se dedicava aos livros. Frequentemente, quem quisesse encontrá-lo nos momentos vagos, podia procurá-lo seguramente na biblioteca do seminário, ou na municipal, ou nas particulares.

Nas constituições de sua congregação, Pe. Gaspar aponta o estudo como um meio ineludivelmente necessário para exercer o ministério sacerdotal de maneira útil à Igreja, de acordo com as necessidades dos tempos e dos lugares.

Ainda no ambiente do clero secular, organizou em sua casa freqüentes encontros de ciência eclesiástica, mesmo antes de fundar a sua congregação (veja 7.3).

Seu estudo sempre foi tão apurado, tão assíduo, mesmo na doença ou no cansaço, que teria sido interrompido muito cedo, se não tivesse uma motivação de ordem superior.

## **11.2. Sinais das virtudes**

Os sinais das virtudes são os fatos extraordinários, que dependem exclusivamente da vontade de Deus, e com os quais ele manifesta perante os homens a santidade de seus servos, ou lhes recompensa a total dedicação.

Os fatos extraordinários na vida espiritual, como as visões, os êxtases, as revelações, os milagres, não são propriamente virtudes. Eles são dons especiais que Deus comunica, de acordo com seus desígnios, visando a diversos objetivos que, em sua infinita sabedoria, tem presentes.

Os objetivos pelos quais Deus enriquece alguém com aqueles dons podem ir desde a simples vontade de recompensar a virtude dos seus servos até a de revelá-la aos outros, para estimulá-los à imitação, ou mesmo a um serviço de maior amplitude na Igreja.

Entretanto, não se mede a santidade pelos dons extraordinários. De fato, no caso de Pe. Gaspar, apesar de suas virtudes heróicas, seus dons extraordinários não são tão numerosos como os que encontramos na vida de alguns outros santos.

Pe. Gaspar tinha de sua união com Deus uma consciência profunda, praticamente continua. Em um trecho de suas memórias, encontramos:

“Rezando em preparação à Missa, percebi que Nosso Senhor crucificado me dizia internamente: “olha para este meu coração”. Esta expressão acendeu logo uma luz maravilhosa no meu espírito, e um calor forte e repentino no meu coração.

Assim, minha alma elevou-se, como para contemplar aquele coração que me fora indicado. Então, senti um tremor pelo corpo todo. Percebi que estava de olhos fechados e que a alma se encontrava ativa e repassada de inefável alegria”.

Sua união com Deus chega, portanto, às raias do êxtase. Veja-se a seguinte anotação, tomada por ele em seus apontamentos:

“Durante a Missa... percebi uma espécie de alargamento da inteligência, para conhecer melhor a Deus com quem eu falava, e um aumento de afeto e expansão de caridade na

oração. Depois, senti certos ímpetos do coração para com Deus, como sendo impulsos do espírito para com ele.

Experimentei-me como que empolgado por um amigo, que, ausente por muito tempo, se lança no abraço ardoroso do outro.”

Além dos êxtases, sabemos, por provas sérias, que foi agraciado por visões celestiais. Numa delas, Deus lhe determinou que fundasse uma nova congregação religiosa: exatamente aquela que, em conseqüência, fundou (veja 7.2).

E os milagres? Durante a vida, e após a morte de Pe. Gaspar, vários milagres foram alcançados. Dedicamos um capítulo exclusivamente à narração deles (veja capítulo 16).

### **11.3. As virtudes propriamente ditas**

#### **a) A fé**

Por força da fé intensa que impregnava toda a sua vida, Pe. Gaspar vivia continuamente sob o influxo do sentimento da presença de Deus.

Em suas notas pessoais, “sentimento da presença divina” é uma expressão que brota bem clara, seja direta e literalmente, ou indireta mas equivalentemente.

Nem era preciso conhecê-lo a fundo para descobrir nele este espírito de fé. Bastava ouvi-lo pregar. Das palavras, do tom da voz, do olhar, de toda a sua atitude, inferia-se claramente que só podia apresentar-se daquela forma e falar daquele jeito uma alma toda acesa na virtude teologal da fé’.

Assim Pe. Gaspar escreveu, a respeito da fé:

“Aquilo que Deus nos revelou, devemos receber dele humildemente por meio da fé. Contudo, o homem não o deve curiosamente investigar com o seu raciocínio...”

A curiosidade deve ser eliminada, mas deve ser igualmente eliminada a ignorância. É muito ampla a glória da fé, porque conduz o espírito humano ao porto da verdade, por entre estes dois escolhos tão famosos, em vista dos numerosos naufrágios (contra a fé).

Ela reprime a ignorância de querer compreender o que é incompreensível... Ela o torna atento e vigilante para estudar e meditar os mistérios revelados por Deus...”

Sob este ponto de vista da fé, considerava que a Bíblia deve ser lida e tratada com a maior veneração. E quando o seu conteúdo ultrapassa a capacidade humana de compreensão, aí então sobra somente a admiração de quem aceita o mistério e se prostra diante dele.

Pe. Gaspar sempre lutou bravamente contra toda a forma de heresia. Principalmente, apontou suas baterias de sabedoria eclesiástica, de inteligência, de espiritualidade, de grande fé, contra o Janseanismo, heresia muito manhosa e cheia de disfarces. Não poupou sacrifícios a fim de manter o povo e o clero imunes da ação nefasta dos erros contra a fé.

Em conclusão, toda a vida de Pe. Gaspar foi um contínuo ato de fé. Sem ela, como explicar os seus terríveis sacrifícios e mortificações? A sua renúncia completa em tudo e por tudo? O seu apego à vontade divina, sem trepidações e nem incertezas?

Ele realmente estabeleceu, sob a ação da graça divina, como base de toda a sua espiritualidade, uma fé intensa e inabalável.

#### **b) A esperança**

A esperança é uma virtude recebida basicamente no batismo, com a fé e a caridade, e desenvolvida no correr da existência pelo auxílio da graça de Deus e colaboração do cristão.

Por ela, temos plena confiança de alcançar a recompensa no céu e os auxílios necessários para lá chegar.

Seu fundamento é a incomensurável bondade, misericórdia e poder divinos, que nos garantem tudo aquilo.

Quanto mais refinada e a esperança, tanto mais se apoia nos auxílios divinos, e tanto menos nas forças humanas.

A esperança de Pe. Gaspar chegou a esse ponto. Inteira confiança em Deus, sem contar absolutamente com os meios humanos. E não se pense que a esperança dele foi das mais tranquilas e cômodas. Pelo contrario; foi tremendamente provada, com toda a sorte de dificuldades e frustrações.

As adversidades que o molestaram e que levariam qualquer mortal ao desânimo foram muitas e contínuas, não lhe davam um momento de bonança. Que fazia ele? Desanimar? Nunca. Olhava para o céu e imediatamente atirava-se com segurança nas mãos de Deus.

Esta confiança, muito elevada, heróica mesmo, dava-lhe inspiração para escrever:

“Cuidado com o que fazeis quando falhais a confiança em Deus. Porque muito mais o ofendeis com a desconfiança do que com o pecado”.

“Aquilo que aos homens é não só difícil, senão impossível, ao nosso bom e onipotente Senhor é fácil, facilimo, antes, tão logo o que ele quer já está feito”.

E ainda: “Quem espera em Deus jamais ficara desiludido ou envergonhado”.

Numa palavra, tanta era a esperança de Pe. Gaspar que, do seu coração repleto dela, as palavras saíam ardorosas, muito capazes de animar quem quer que fosse a expor-lhe os seus problemas e dificuldades, seu estado de ânimo debilitado pelos contratempos da vida.

Ele, em pessoa, era uma esperança viva nas promessas de Cristo.

### **c) A caridade**

Tão aberto era o coração de Pe. Gaspar à virtude da caridade que a quis declarar específica do seu Instituto, como Jesus a havia declarado específica dos seus discípulos.

Por esta razão, deixou escrito em suas constituições a seguinte norma:

“Tenham todos como escopo e distintivo da sua vocação a expressão de Jesus Cristo, Nosso Senhor: 'Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros'". (Veja 9.3)

Pe. Luís Bragato, um dos primeiros membros da congregação, constata a realidade efetiva desta regra. Diz ele:

“O vinculo da congregação era a caridade, que transformava o trabalho em prazer, e a base era uma virtuosa vida comunitária, orientada em todos os seus atos pela mais apurada obediência”.

Entretanto, Pe. Gaspar não se limitava a apontar regras, mas dava o exemplo de como se deve praticar a caridade até as últimas conseqüências. Citemos alguns fatos.

Um certo Pe. Galvani deixou-lhe por testamento diversos prédios: o dos Estigmas, o do convento de Santa Teresa, o chamado “dos Desamparados” e o da SS. Trindade. Mas Pe. Gaspar limitou-se a guardar para si e seus companheiros a Casa dos Estigmas, para sede da sua congregação. Desapegado e caridoso, deixou os outros edificios a diferentes pessoas piedosas, que neles exerciam atividades religiosas de valor.

Quando os jesuítas se decidiram a voltar para Verona, encontraram dificuldades em achar local para se estabelecer. Mais do que depressa, Pe. Gaspar dispôs-se a entregar-lhes alguns locais de sua propriedade, incluído o próprio convento dos Estigmas, onde residia.

Estava inclinado a reservar para si e sua congregação apenas algumas salas, e, nelas, viver em aperturas. Mais ainda, estava determinado a ceder aos jesuítas até mesmo a sua escola.

E claro que uma conduta assim cristã tão inesperada produziu edificante surpresa nos jesuítas, que, resolvidas as suas dificuldades de outra maneira, ficaram-lhe devedores de grande gratidão, pelo gesto profundamente evangélico.

Os tempos eram difíceis, a carestia de víveres trazia a fome a muitos lares. Exatamente, então, ele se pôe a reformar a Igreja dos Estigmas e a construir um novo convento e a torre da Igreja. Dizia que esta era uma ótima forma de praticar a caridade: dar trabalho aos operários, que, de outra maneira, curtiriam a fome com todas as suas conseqüências. Por ai se vê que, mesmo em assuntos materiais, não perdia de vista a virtude tão altamente espiritual da caridade.

Seu amor ao próximo chegava até ao heroísmo.. Quando não podia praticá-lo pessoalmente, punha algum dos seus filhos na situação de assumi-lo e vivê-lo até a esse grau. E o caso do Pe. Mateus Farinati. Enviado pelo fundador a atender as pessoas atingidas pelo tifo, prontamente obedeceu e se dedicou aos enfermos com o máximo de generosidade. Acabou apanhando a doença, e, como resultado, veio a falecer. Pe. Gaspar reconheceu nele um mártir da caridade. (Veja 8.5.).

Todos os dias compareciam à porta da Casa dos Estigmas entre cinqüenta e setenta pobres, que aí recebiam alimento para saciar a fome. Em casa havia privação de comida em severa mortificação, mas aos pobres a porta, as mãos e os corações estavam sempre abertos.

Pe. Gaspar pensava muito nos outros, mas em si mesmo bem pouco, porque sabia sair de si mesmo para compreender e amar o outro.

Doente, sofria muito, mas não se queixava. Só aos médicos manifestava o que sentia, exatamente para que soubessem o que deviam fazer. Parecia nada sofrer, quando alguém, igualmente sofredor, a ele recorria para receber conforto e conselhos.

As palavras e os gestos do padre transmitiam animação e coragem, como se ele mesmo estivesse vigoroso e sadio.

Com referência aos seus confrades doentes, tinha desvelos de mãe. Para eles queria os melhores médicos; curados, dava-lhes alimentação e cuidados os mais atenciosos, a fim de que lhes voltassem as energias e a saúde plena.

Na Escola dos Estigmas (veja capítulo 10), seu amor para com os seus alunos fazia-o respeitar a dignidade humana dos rapazes. Longe de trata-los com rigidez e rigorosos castigos, procurava educa-los amável e carinhosamente. Se algum deles necessitasse de uma correção, tentava suavemente explicar-lhe o erro cometido e as razões de corrigi-lo. As vezes, usava até de alguma brincadeira, que punha em realce o erro, caricaturando-o, sem ofender o interessado; assim, obtinha a correção.

De sua caridade para com Deus fala-nos toda a sua vida, dedicada inteiramente e sem reservas a servi-lo e glorificá-lo, apesar de todos os pesares e dificuldades.

#### **d) O Santo Abandono**

Todo aquele que vive intensamente o seu batismo, longe de limitar-se a fugir do pecado, põe diligência em praticar o bem e a virtude cada dia melhor, para dedicadamente seguir a Cristo com crescente amor.

O Espírito Santo tem modos e intuitos diversos para cada pessoa. Assim, cada santo se caracteriza por uma virtude especial, pessoal e própria, apesar de se haver esforçado por praticar todas elas.

Pe. Gaspar consagrou-se à santidade desde a sua infância, e neste cuidado estavam bem focalizadas todas as suas virtudes. Contudo, uma predominou em toda a sua vida, e, por ela, ele se distingue de todos os demais cristãos.

Trata-se da virtude do SANTO ABANDONO, que se traduz na entrega efetiva e total nas mãos de Deus, como quem se abandona a ele de modo absoluto, junto com uma disposição plena de realizar em si mesmo a vontade divina. Esta virtude foi, para Pe. Gaspar, o centro em cuja órbita giravam todas as demais virtudes.

Fazendo uma comparação muito simples, podemos dizer que, desde que Deus é reconhecido como Pai infinitamente poderoso, sábio e amoroso, a alma se confia a Ele de maneira absoluta, como uma criancinha nos braços da mãe.

Vejamos alguns exemplos de como Jesus vivia esta santa virtude:

“Desci do céu não para fazer a minha vontade, e sim a vontade daquele que me enviou.” (Jo 6,38)

“Meu Pai, se este cálice não pode passar sem que eu o beba, faça-se a tua vontade.” (Mt 26,42)

“Pai, nas tuas mãos ENTREGO o meu espírito.” (Lc 23,46)

Assim Pe. Gaspar expressou-se a respeito desta virtude:

“Desacostumar-se de fazer a própria vontade, e tudo realizar como que movidos pela vontade de Deus, a fim de agradar-lhe e honrá-lo”.

“Pouquíssimos são aqueles que entendem o que Deus faria deles, se não fosse impedido em seus desígnios”.

“Nem podemos imaginar as grandezas que Deus realizaria em nós, e quanto faria em nós e por nós, que somos a pupila dos seus olhos, se não dificultássemos a ação da sua graça, mas nos colocássemos livre e inteiramente em suas mãos”.

#### **e) A Humildade**

Esta era uma das virtudes que Pe. Gaspar mais amava e praticava. Era uma das que tomava em consideração quando se tratava de avaliar uma vocação sacerdotal. Dizia:

“Se Deus leva alguém à mais profunda humildade, é sinal de que pretende erguê-lo bem alto na vida eclesial”.

Tinha pavor de qualquer sombra de orgulho. Escreveu:

“Quanto mais elevados na perfeição da santidade, tanto mais devemos temer. Porque os outros vícios se alimentam de ações pecaminosas, enquanto que o orgulho se nutre, e com muito gosto, das próprias virtudes, ainda as mais altas”.

Paralelamente a esta expressão, dizia aos discípulos:

“Todos os sólidos fundamentos das grandes realizações devem assentar-se na humildade. Se formos humildes, Deus se utilizará de nós para elas em vista da sua glória”.

Dizia sempre que precisamos ser humildes como aqueles bichinhos que se realizam a si mesmos e realizam a glória de Deus permanecendo ocultos no chão, em pequeninas cavidades, ou tocas.

Explicava que o orgulhoso se coloca muito alto acima dos outros e enfrenta o próprio Deus. Mas o tombo, das alturas, é muito maior, e a pancada muito mais grave.

Ao contrário, o humilde nunca se exalta, não se eleva acima de ninguém, dificilmente sofrerá uma queda e, se por acaso cair, não se fará muito mal. Afinal de contas, a queda de quem se acha rente ao chão da humildade não é tão grande.

Baseado nesses princípios, ele mesmo levou uma vida no mais intenso escondimento. Todos os testemunhos a respeito concordam nesse ponto.

De si mesmo tinha uma idéia muito desprezível. Por isso, desejava as humilhações. Achava-se digno delas. Assim declarava, a esse respeito, o Pe. Fedelini:

“Ele imitava Jesus Cristo na humildade de coração. Tal humildade era-lhe muito entranhada. Desprezava a si mesmo intimamente e, em conseqüência, procurava ser desprezado também pelos outros”.

Era uma personalidade rica de dons naturais e sobrenaturais. Com todo o cuidado, evitava exibi-los. Trabalhava, punha em atividade suas qualidades e conhecimentos, que não eram pequenos. Mas tudo atribuía sinceramente a Deus, nada reservando para si senão a frase evangélica:

“Somos servos inúteis; fizemos o que devíamos fazer”. (Lc 17,10)

Esta humildade transparecia também se alguém lhe pedisse alguma orientação ou conselho. Nunca respondia em nome próprio, mas aconselhava dizendo que tinha lido, ou tinha ouvido, de pessoas sabias e prudentes, uma orientação muito apropriada para o caso em apreço. Tinha sempre o cuidado de se ocultar.

Assim como era profundamente humilde, tratou de induzir os seus filhos à prática intensa da virtude da humildade. Diligenciou por formá-los neste espírito.

Deixou nas suas constituições a orientação correspondente, não em um item apenas, mas em diferentes artigos. Pode-se mesmo afirmar que todo o conjunto das normas que entregou aos seus filhos vem impregnado desta mentalidade humilde que tão bem lhe caracteriza a vida.

Grande alegria experimentava ao notar que seus filhos praticavam, de fato, a humildade. Quando o Pe. Bragato renunciou ao convite ao episcopado, Pe. Gaspar se apressou em dizer-lhe que se regozijava com ele por esta renúncia. Nem deixou de evocar neste ponto a palavra “humildade”.

Quando Deus lhe fazia sentir mais fortemente sua divina presença através de iluminações especiais, então Pe. Gaspar se reconhecia ainda mais miserável e pequeno. Veja-se, por exemplo, o que escreve em seu diário espiritual:

“Muito grande ternura e profunda humildade senti quando tive Jesus em minhas mãos, logo após a consagração na Missa. Eis a suprema bondade junto com a suprema maldade, o mais puro ao mais imundo, o mais santo ao maior pecador”.

Modelo de toda essa humildade? O próprio Jesus Cristo. Assim deixou anotado:

“Adoremos tão grande Senhor. Amemos Aquele que se abaixou tanto. Aquele que se abaixou a ponto de nos amar. Compreendemos assim até que grau de humildade nós devemos nos abaixar para acatar e imitar o seu abaixamento, com o qual Ele desceu e ainda desce para unir-se conosco”.

## **f) A Castidade**

Para Pe. Gaspar, a castidade não se trata de virtude limitada apenas à renúncia, mas sim de virtude que assume a própria renúncia por amor a Deus.

Melhor ainda, trata-se de virtude que põe o sexo no seu devido lugar, e nas suas límpidas finalidades, estabelecidas por aquele mesmo que criou o homem e a mulher como seres sexuados.

Pe. Gaspar colocava no amor cristão, na caridade para com Deus antes e acima de tudo, a base da castidade. Dizia:

“Numa alma tomada pela caridade não existe a libidinagem”.

Aos padres e religiosos afirmava:

“Deus nos chama a competir na terra com a pureza dos anjos”.

Assim, nas constituições, lembra aos membros de sua congregação que devem consagrar-se inteiramente a Cristo e que, por essa razão, devem conservar-se castos de corpo e de alma.

Estabelece-lhes os seguintes meios, a fim de se manterem puros e progredirem na virtude da castidade:

- *Oração e Sacramentos*

A esse respeito, realça a Confissão e a Eucaristia. Escreve: “Todos tenham grande empenho em aproximar-se, freqüentemente, e com as devidas disposições, dos sacramentos da Confissão e da Comunhão”.

- *Mortificação*

Do paladar, da vista, do ouvido, da língua, do tato.

- *Fuga do Ócio*

Para evitar o ócio, quer que se apliquem a trabalhos manuais, ou, principalmente os sacerdotes, ao estudo, que e também um trabalho.

- *Cuidado com os sentimentos*

Devem ter muito cuidado com os sentimentos, pois pouco a pouco podem descambar para a sensualidade.

Aos que iam procurá-lo como penitentes, era tanta a força do seu exemplo, tão grande o brilho da fisionomia, e tão influente o ardor da sua palavra quando se referia à castidade, que atingia profundamente até os mais viciados, de modo que se convertiam, reestruturavam a vida e passavam a servir de exemplo.

Não se pense, por isso, que Pe. Gaspar fosse uma pessoa rígida, severa e intratável. Pelo contrário. Tinha maneiras ao mesmo tempo gentis e comedidas, afáveis e respeitadas. Era um prazer todo espiritual tratar com ele. Até os pervertidos reconheciam que ele, por esta sua virtude, merecia todo o acatamento.

### **g) A Pobreza**

Jesus afirmou, no seu famosíssimo sermão das bem-aventuranças: “Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus”. (Mt 5,3).

O mundo, no sentido mau da palavra, coloca a felicidade na posse e apego das riquezas e na facilidade em consumi-las, gastando-as a capricho nos sonhos de conforto, de prazeres, de posições.

A mentalidade evangélica, anunciada por Jesus, estabelece a felicidade na pobreza em espírito, isto é, a pobreza abraçada em sentido espiritual, por amor ao reino dos céus.

A riqueza traz preocupações e açula o egoísmo. A pobreza assumida desimpede o espírito e estimula o amor. Daí a conclusão de que ela não é nada negativa; muito, ao contrário, é uma energia positiva que ajuda a realizar a pessoa do cristão. A verdadeira personalidade cristã impregna-se deste espírito de pobreza anunciado por Jesus.

Pe. Gaspar compreendeu tal espírito e viveu-o de maneira altamente heróica. Viveu-o e ensinou-o aos outros. Quando percebeu que Deus o chamava para fundar uma congregação religiosa, deixou escrito:

“Para iniciar uma grande obra é preciso adquirir, primeiro, uma grande e heróica virtude. O CAPITAL NECESSÁRIO É A POBREZA, em seguida as outras virtudes”.

No seu convento, queria que se respirasse viva atmosfera de pobreza. Repetia:

“Meus filhos, devemos lembrar-nos de que somos pobres. Se Deus providencia para que haja em casa alguma coisa, não se trata de coisa nossa, mas de coisa pertencente a Deus”.

Vejamos alguns fatos que nos comprovam como Pe. Gaspar viveu o seu ideal de pobreza:

Usava dos objetos com muito cuidado, para não estragá-los, já que o pobre não pode dar-se ao luxo de desperdiçar as coisas. Aplicava esta diligência até nos objetos pequenos e menos caros, como uma folha de papel e semelhantes. Tomava para si o que fosse mais estragado, porque queria viver realmente a pobreza, como um verdadeiro pobre.

As paredes de seu quarto eram desprovidas de qualquer ornamento, sem nenhum quadro. Tinham que ser paredes de quarto de pobre. Esta mesma pobreza transparecia na alimentação, na mobília, em tudo.

O inverno em Verona era frio e úmido. Pe. Gaspar poderia, se quisesse, agasalhar-se muito bem, com todo o conforto. Mas não. Seu agasalho era um velho capote, surrado e remendado; na altura do peito não fechava bem. No quarto não havia estufa ou qualquer outro sistema de aquecimento.

Em 1836, por ordem do bispo, ele resgatou em leilão uma ampla extensão de terreno, que anteriormente já havia pertencido à Igreja. Obedecida a ordem, mas não quis guardar para si aquela posse. Por esta razão, ofereceu-a ao Papa Gregório XVI. Por sua vez, o Papa, comovido profundamente com esse gesto de desapego e amor a pobreza, determinou que o ofertante guardasse o terreno para a congregação.

Pe. Gaspar estava reformando a Igreja dos Estigmas. Uma pessoa rica lhe apresentou insistentemente uma boa soma para ajudá-lo nas despesas. Ele não aceitou. A pessoa depositou o dinheiro sobre o altar e foi embora. Não querendo admitir que a presença do dinheiro levasse a si e aos seus o apego ao mesmo, Pe. Gaspar mandou devolver a soma a domicílio.

Pe. Francisco Cartolari, de origem nobre, ingressado nos Estigmas (veja 7.5), ainda em vida queria renunciar à posse de seus bens em favor da comunidade estigmatina. Não lhe foi dada permissão. Por isso, redigiu o testamento em favor deles: primeiro, Pe. Gaspar, e, se este renunciasse, Pe. Brugnoli, e, na hipótese de renúncia ainda deste, Pe. Benciolini. Pois bem: todos renunciaram, um por um, e a herança acabou ficando com quem de direito, os parentes do extinto. Pe. Gaspar reuniu a comunidade na Igreja, e, para agradecer a Deus aquele gesto de virtude, cantou com eles o “Te Deum”, em ação de graças.

## **h) A Obediência**

Esta é uma virtude que Pe. Gaspar tinha na mais alta consideração.

Hoje, fala-se tanto em liberdade, quer-se fazer a própria vontade como meio de realização pessoal. Não se reflete que uma pessoa, habituada a fazer tudo o que quer, torna-se escrava de sua própria vontade, ou melhor, dos seus próprios caprichos, que acabam por dominar a vontade. Escravidão não é liberdade.

Aquele que sabe no momento oportuno obedecer, levando em conta razões elevadas, como, por exemplo, o amor, liberta-se de si mesmo, e assim cresce em liberdade.

A obediência bem entendida e bem praticada, em vez de escravizar, liberta realmente.

São palavras dele:

“Quando uma alma se mostra dócil à voz dos superiores, apesar da repugnância do próprio juízo, então é certamente guiada pelo espírito de Deus”.

Ao ter que aconselhar seminaristas ou sacerdotes envolvidos em dúvidas diante das ordens do bispo, ele só tinha uma palavra: Obediência.

Aliás, estabelecia esta virtude como o mais claro sinal de que alguém era chamado à vida sacerdotal. Faltando a disposição de obedecer, faltava também a melhor prova da vocação.

Nem sempre o bispo encontrava fácil acatamento às suas ordens. Então, diante do impasse, apelava para Pe. Gaspar. Este entrava em contato com o renitente e, com palavras carregadas do amor de Deus, e com fervorosas admoestações, até mesmo com os exercícios espirituais de Santo Inácio, atingia o objetivo: levava à obediência a pessoa rebelde.

Uma atitude, para ele inconcebível, era a desobediência ao Papa.

O Papa representa Jesus Cristo na terra; por isso, suas disposições e ordens devem ser respeitosamente seguidas.

Abaixo do Papa, os bispos também mereciam dele a maior veneração. À sua congregação prescreveu a vida de missionários para auxílio aos bispos. Com isto, precedeu os tempos, pois o Concílio Vaticano Segundo, mais de um século depois, veio ressaltar este múnus.

Tanta era a sua respeitosa disponibilidade de obediência ao Papa que lia as suas encíclicas de joelhos!

A virtude da obediência, em Pe. Gaspar, via na autoridade, fosse lá quem fosse a pessoa, o representante de Deus.

E como praticava ele a obediência em seu convento, dado que era ali o superior? Antes de tudo, procurava fazer sempre diligentemente aquilo que parecia ser a vontade de Deus. Obedecia a Deus.

Nos últimos tempos da vida, estabeleceu como superior da comunidade o Pe. Marani. A partir de então, seguia à risca o que o novo superior dispunha, como qualquer outro membro do convento.

Pe. Gaspar também obedecia com o mesmo empenho as leis civis: elas têm o seu sentido necessário e é justo que sejam respeitadas.

Na Casa dos Estigmas funcionava um ginásio, sob a orientação de Pe. Gaspar e seus discípulos. A partir de 1818, o governo civil promulgou normas para os ginásios, com base no princípio de que o ensino é de responsabilidade do governo. Pe. Gaspar podia fechar o ginásio, ainda mais considerando que as aulas eram gratuitas. Mas não. Seguiu aqui também o princípio: respeitar e obedecer.

Conseqüentemente, já com 41 anos, com a merecida fama de pessoa ilustre por fartos e profundos conhecimentos, não se considerou deprimido em prestar os exames de habilitação oficial, para ser depois autorizado, como prescrevia o governo, a ensinar em seu ginásio. Depois dele, foram também prestar os mesmos exames os seus padres professores.

Em coerência com estas atitudes, deixou escrito nas constituições de sua congregação, entre os meios de progresso espiritual, o seguinte:

“... a perfeita observância de todos os preceitos divinos e humanos, eclesiásticos e civis...”.  
Querida seriamente o respeito a todas as leis.

Da mesma maneira, Pe. Gaspar obedecia as ordens médicas: via nas prescrições dos médicos a manifestação da vontade de Deus, relacionada com a enfermidade que o afetava. Havia dito aos médicos que tinham toda a liberdade de mandar, com a certeza de serem plenamente obedecidos.

### **i) A Prudência**

A prudência leva a gente a optar por uma finalidade certa, a usar os meios adequados para atingi-la, a considerar todas as circunstâncias inerentes ao setor em foco. Assim, por exemplo, alguém opta por uma profissão. Entre muitas, assume a de motorista, depois de bem ponderada a decisão.

Então, tem que procurar a maneira de ser motorista: a auto-escola, os treinos, os documentos, o carro próprio ou de uma firma. Tem que avaliar as circunstâncias: possibilidades de pagamento das despesas para chegar a ser motorista, idade legal para tanto, condições físicas e psicológicas suficientes, conveniências pessoais e da família etc.

O imprudente não avalia nada, não pesa as condições; vai simplesmente fazendo as coisas às cegas, aos trancos e barrancos, errando, tropeçando e, por fim, frustrando-se e desanimando.

Na vida cristã também deve existir prudência: conhecer claramente o fim máximo da vida humana, optar por ele, selecionar os meios mais aptos para atingi-lo. Tudo isto dentro das circunstâncias pessoais de cada um.

Por ser cristã, esta virtude apoia-se na revelação, ensinada por Jesus à sua Igreja, e na graça divina. De outra sorte, não seria cristã.

É evidente que o Espírito Santo é a origem dela: quanto mais uma pessoa é iluminada por ele, tanto mais acertará em seus caminhos espirituais.

Mas nem por isso pode-se dispensar o aconselhamento com pessoas também prudentes e espirituais. Nisso também consiste a prudência.

Pe. Gaspar foi brilhantemente dotado desta virtude, e nela esforçou-se por amadurecer. Realmente o conseguiu, a ponto de se tornar um modelo.

Aos seus Estigmatinos, dizia:

“Filhos, cuidado com as conversas. É preciso que vocês tenham com todos tal circunspeção em confiar-lhes os segredos do coração, que depois vocês não tenham de se arrepender, ainda mesmo quando os amigos se tornassem adversários”.

E recomendava: “Não se fiem de si mesmos, não se fiem da própria cabeça”. Citava, depois, a este propósito, a Sagrada Escritura, dizendo: “Meu filho, não faças nada sem aconselhamento”.

Nos obstáculos e perseguições, nas calúnias mesmo, que sofreu em razão de suas atividades sacerdotais, apesar de corajosamente prosseguir em seus trabalhos, sabendo claramente que fazia a vontade de Deus, punha, em todo o caso, muito cuidado, para, prudentemente, evitar pretextos de falsas acusações por parte dos que o viam com maus olhos. Forte e corajoso, mas não estouvado e imprudente.

Por que muitas pessoas procuravam Pe. Gaspar a fim de buscar nele o conselheiro sempre disposto e seguro? Exatamente por causa da prudência com que ele resolvia as situações e as dúvidas. Se já, por natureza e exercício, ele era muito prudente, mais ainda cresceu nesta virtude pela ação do Espírito Santo em seu íntimo.

O Pe. José Fiorio cita o testemunho do Pe. Antônio Bresciani, jesuíta, a respeito da prudência de Pe. Gaspar. Merece ser reproduzida aqui a citação:

“Pe. Gaspar unia a uma vasta cultura científica e literária, uma sabedoria e prudência tão grandes, que eu sempre ouvi dizer que em Verona não se empreendia nenhuma obra de Deus sem consultá-lo.

Os homens mais ponderados e espirituais se deixavam guiar pelo seu tino, seja em assuntos da alma como nos temas domésticos e sociais, quer públicos, quer particulares...”

As provas da prudência de Pe. Gaspar são numerosíssimas, aduzidas pelas inúmeras pessoas que o conheceram e dos seus preciosos conselhos se serviram.

Entretanto, convém frisar ainda, a prudência de Pe. Gaspar não era, nem podia ser, fruto de um natural privilegiado, apenas. Era-o, sem dúvida. Mas era também, e especialmente, a consequência da ação maravilhosa do Espírito Santo naquela personalidade tão aberta à graça divina, dócil a toda a vontade de Deus, ampla em sua grande generosidade.

O Espírito Santo, então, podia guiá-la e iluminá-la à vontade, desimpedidamente. Sua prudência, pois, é o resultado de uma feliz conjunção da obra de Deus na ordem natural, quanto às capacidades da pessoa dele, com a obra de Deus na ordem sobrenatural, quanto às atividades da graça na sua vida cristã.

## **j) A Mortificação**

A mortificação de Pe. Gaspar alcançou um nível que supera de longe os níveis normais de qualquer bom cristão.

Levou uma vida intensa e continuamente mortificada, como tal aceita e procurada sem esmorecimento. Não por simples espírito de vaidosa exibição de insensibilidade à dor: ele queria a mortificação por amor a Deus, em espírito de fé.

Pe. Gaspar e seus filhos iniciaram a vida no Convento dos Estigmas como verdadeiros penitentes. Grassava então uma grande fome na região. Daí tomarem eles motivo para se mortificar pesadamente as refeições (veja 8.1).

Toda a comunidade participava nessa rigorosa penitência. Um dia, coisa extraordinária, o cardápio extravasou porque veio à mesa uma galinha, pronta para comer. Pe. Gaspar perguntou à turma se estavam de acordo em que a galinha voltasse à cozinha. E os heróicos penitentes concordaram sem pestanejar.

Calor? Frio? Cansaço? De nada ele se queixava. Tudo recebia como oportunidade preciosa para se mortificar.

Podia ter escolhido para si o melhor quarto da casa. Mas não. O seu quarto foi o pior, o menos cômodo e o mais frio de todos. Ali, nada de aquecimento, qualquer que fosse, mesmo no mais duro inverno. Somente aceitou o aquecimento, quando, enfermo, o médico deixou ordem nesse sentido.

Assim, compenetrado do desejo de mortificações, ensinava a vida penitente mesmo aos jovens do Oratório. Ao local onde se reuniam para recreio, às vezes os rapazes levavam merenda. Induzia-os a colocá-las todas em comum, e, assim misturadas, distribuía a cada qual uma qualquer. Claro que o rapaz que tivesse levado um alimento melhor podia estar recebendo e comendo algo de menos agradável ao paladar.

Quando ia ao convento de São José e tinha que permanecer à noite lá para atender aos doentes, como sacerdote, jamais aproveitava a cama e o quarto que lhe haviam especialmente preparado. Passava as horas de repouso na capela do convento, cansado e molhado, às vezes, em razão das poças de água em que pisava e se afundava, porque era míope e fazia o trajeto já de noite. E como passava as horas na capela do convento? Sempre o encontravam rezando ou meditando.

O mesmo acontecia quando, como patrono espiritual dos seminaristas, ia aos sábados à noite ao seminário para, de manhã cedo, domingo, pregar a meditação aos estudantes. Todos dormiam, mas ele transcorria a noite na capela do seminário. Ali meditava sobre o assunto a ser tratado no dia seguinte.

### **k) A Mansidão**

Pela mansidão, a gente consegue receber ofensas e injustiças sem perder a calma, como Jesus diante de seus algozes. É uma virtude que nada tem de medrosa.

Há pessoas que recebem ofensas mas não retrucam por puro medo. Isto não é virtude; é fraqueza. Mas há os que podem retrucar, se quiserem, e não o fazem; ou, se retrucam, fazem-no com toda a tranqüilidade, porque sabem superar os ímpetos da irascibilidade e da vingança.

Brilhou também a mansidão na vida de Pe. Gaspar. Quando ele começou o movimento dos Oratórios Marianos, nem todo o clero recebeu a novidade com bons olhos. Há sempre os tradicionalistas, prontos a desconfiarem e combaterem toda e qualquer iniciativa, por boa e eficaz que seja.

Por esse motivo, Pe. Gaspar teve que suportar contrariedades provenientes de elementos do clero. Mas não se afobou. Devagar, foi agindo com calma, até que os sacerdotes viram mais claramente o bem que realizava. Então passaram a apoiá-lo sem reservas.

Perseguições bem mais pesadas foram-lhe movidas pelos maus, que sem disfarces o ameaçavam. Tentavam oprimi-lo pelo medo, para obrigá-lo a interromper sua ação pastoral em favor da juventude. Ele conservou a tranqüilidade e agiu incansavelmente, sem se deixar

amedrontar nem desanimar. Sua obra dos Oratórios Marianos era querida por Deus. Havia de vencer.

Certa vez, um grande inimigo de Pe. Gaspar e de seus Oratórios o ofendeu violentamente. Apelando para todas as forças da mansidão, Pe. Gaspar reagiu tanto contra si mesmo para se manter calmo que sofreu um desmaio e foi ao chão. Desmaiou, mas não cedeu à raiva. O corpo sucumbiu, enquanto o espírito sublimou-se em Deus.

Os jansenistas eram uns hereges muito atrevidos. Como Pe. Gaspar não lhes dava tréguas, começaram eles também a persegui-lo. Ofendiam-no onde quer que o encontrassem, mesmo em público. Pe. Gaspar se calava.

Podia, se quisesse, reduzir ao silêncio toda aquela gente maldosa. Bastava que argumentasse com toda a ampla ciência que possuía, mas preferiu calar-se e mansamente suportar.

A natureza humana agiu em Pe. Gaspar, impelindo-o a tratar o malcriado à altura e dizer-lhe umas verdades bem merecidas. Mas a graça e a virtude da mansidão o convidavam a se conter e suportar a injúria.

Em certa oportunidade, uma pessoa agrediu-o publicamente com pancadas. Em resposta, Pe. Gaspar lhe agradeceu ali mesmo e pediu desculpas ao agressor. Coisas do outro mundo! Certo! Coisas do mundo da espiritualidade, da graça divina, da virtude!

Em resumo, ele jamais se queixava, fossem quais fossem as perseguições, as injúrias, as contrariedades. Viessem de onde viessem, dos maus, dos colegas, do governo. Sua atitude era uma perpétua calma. Gostava, até, de tudo isso, em vista do que diz o Evangelho:

“Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus. Felizes sereis quando vos ultrajarem, perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós, por causa de mim. Alegrai-vos e exultai, porque será grande a vossa recompensa no céu.” (Mt 4,10-12)

## **I) O Zelo**

O zelo é uma disposição de amor que leva uma pessoa à oração e atividade para difundir a glória de Deus e a salvação do próximo. É o ardor do apostolado; virtude necessária para um cristão, e absolutamente indispensável para um sacerdote, ou religioso.

Por este motivo, Pe. Gaspar orientava no sentido do zelo as almas que percebia chamadas para uma vocação especial na Igreja de Deus.

O zelo de Pe. Gaspar era uma força vigorosa. Como a energia das cachoeiras, que, devidamente encaminhadas, se transforma na irresistível eletricidade, onde ele entrasse com a sua ação podia-se contar certo com o triunfo da glória de Deus.

Até as consciências mais calejadas se iluminavam e se purificavam. Pecadores sem jeito de arrependimento cediam ao ardor que ele colocava nas palavras, nos olhares, nas atitudes, no incansável cuidado em recebê-los e convertê-los.

Vamos lembrar aqui as principais atividades a que o zelo impeliu Pe. Gaspar:

Fundador dos Oratórios Marianos para a juventude, com mil e uma iniciativas, seja quanto ao aspecto da vida cristã e de piedade, seja quanto à vida de diversões e à vida profissional dos mesmos.

Orientador de diversos fundadores de congregações religiosas e obras de beneficência, em especial a “Congregação das Irmãs da Sagrada Família”, de Leopoldina Naudet. (veja 14.1).

Conselheiro e confessor de pessoas de todas as condições sociais, desde as mais altas até as menos favorecidas. Nunca Pe. Gaspar se negou a atender. Pelo contrário, todos sempre o encontravam em plena disposição, gentil e amigo, pronto a colaborar com sua ciência e virtude. Todos viam nele o sacerdote zeloso, que trabalha apesar de tudo, das doenças e da estafa.

Fundador da Escola dos Estigmas, a qual foi criada e mantida com sacrifício dele e dos professores. Não apresentava o atrativo do lucro. Era gratuita. Era pura e simplesmente uma nova maneira de dar expansão ao seu zelo. Zelo insaciável, sede ardente da glória de Deus e salvação das almas.

Pregador de tríduos, novenas, retiros, sermões esparsos. Fazia catequese, expunha meditações aos seminaristas, tratava de encaminhar sacerdotes desencaminhados. A serviço do bispo examinava os nomes apontados para provimento de párocos nas diferentes Paróquias da diocese.

Assistia espiritualmente os doentes, mesmo os que, por razão da enfermidade, suscitavam repugnância à natureza humana. Visitava-os com espírito de fé e de zelo, sentindo intimamente grande alegria em levar-lhes uma palavra de religião e de fé.

Não contente com tudo isso, multiplicou o seu dinamismo fundando uma congregação religiosa, hoje chamada Congregação dos Estigmatinos (veja 7.4).

No trabalho de apóstolos de cada um dos membros desta congregação, ele prolonga e amplia os trabalhos de apóstolo de seu espírito laborioso e incansável na salvação das almas.

Este zelo exemplar do Fundador transmitiu-se como impulso irresistível a todos os membros do Convento dos Estigmas.

Não se pode compreender como é que, numa vida tão penitente e repassada de oração, ainda eles todos encontrassem tempo e forças para tamanha atividade religiosa, desde as humildes aulas de catecismo até as aulas na escola; desde o cuidado com os doentes até a orientação espiritual e a confissão de tantas pessoas; desde a pregação mais familiar até os sermões mais solenes.

Aqui, ali, em toda a parte. Verona inteira conhecia aqueles padres macilentos de tanto jejum e sorridentes de tanta gentileza, recolhidos de tanta oração e incansáveis em tanta atividade.

## 12. As devoções de Pe. Gaspar

Dentre as devoções predominantes na vida de Pe. Gaspar, em primeiro lugar tem destaque a da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo. Tinha-a bem profunda no coração e na vida.

Na Igreja dos Estigmas, entregue aos seus cuidados, realizava, toda sexta-feira à tarde, uma piedosa função em honra da Paixão e Morte de Jesus. Depois do canto de algumas antífonas, Pe. Gaspar era conduzido na sua poltrona ao Altar do Crucifixo para a meditação, que durava cerca de meia hora. Seguia-se depois a adoração das cinco Chagas, com algumas orações apropriadas.

Quem melhor do que aquele homem “chagado” e sofredor poderia penetrar na contemplação do mistério da cruz? Será este um outro típico filão da sua espiritualidade, que Pe. Gaspar quis transmitir a seus filhos.

Fundador de uma congregação religiosa na Casa dos Estigmas, ao lado da Igreja dos Estigmas, só podia mesmo focalizar com diligência e sinceridade as Chagas ou Estigmas de Cristo.

É verdade que tanto a casa quanto a Igreja eram intitulados aos Estigmas de São Francisco de Assis. Contudo, os próprios estigmas, com que fora carismaticamente agraciado São Francisco, não teriam sentido senão quando relacionados aos Estigmas sacrossantos de Jesus.

Pe. Gaspar também tinha em altíssima estima a devoção a Nossa Senhora. Com todo o esmero, ensinava os alunos da sua escola a honrar e imitar as virtudes de Maria Santíssima.

Uma das finalidades do Oratório Mariano era expressamente cultivar nos moços a devoção à Santíssima Virgem. Entre as regras do Oratório se lê:

“Todos os congregados terão como estrita obrigação e como razão de honra a devoção a Maria, considerando-se seus filhos e servos, e como pessoas totalmente consagradas a ela”.

Aproveitava toda a oportunidade para desenvolver nos discípulos tal devoção, seja nos sermões, seja nas conversas, seja até nos recreios. Até no recreio? Exato. Quando jogavam uma partida, o perdedor pagava ao vencedor rezando por ele uma Ave-Maria.

Além disso, Pe. Gaspar dava relevante importância ao mês de maio, tradicionalmente consagrado a Nossa Senhora. Todos os dias deste mês, ao fim das aulas, alunos e professores seguiam para a Igreja anexa. Lá, Pe. Gaspar “batia um papo” gostoso com os rapazes sobre Nossa Senhora e suas virtudes. Depois, rezavam alguma oração, cantavam e iam para casa, cada qual no seu rumo.

A experiência comprovou que no mês de maio, assim incitados pelo padre, os alunos se tornavam mais comportados e estudiosos, tendo em vista honrar Maria Santíssima, seja na escola como em casa.

Uma outra devoção muito grande de Pe. Gaspar era por São José. Foi ele quem introduziu em Verona a piedosa prática do mês de março, habitualmente consagrado ao santo.

Propagou-a entre os que se entregavam à sua direção espiritual, como também em diversas Paróquias e comunidades religiosas.

Juntando as duas devoções numa só, costumava celebrar, com grande solenidade e recolhimento, a festa do casamento de Nossa Senhora com São José, a 23 de janeiro. Deixou esta devoção como herança aos Estigmatinos por ele fundados.

## **13. O Conselheiro Pe. Gaspar**

### **13.1. Conselheiro das vocações**

No assunto de vocações, Pe. Gaspar possuía um discernimento a toda prova. Realmente era prodigiosa a sua capacidade, prontidão e segurança com que resolvia consultas a respeito.

Pe. Gaspar rogava a Deus incessantemente aquela sabedoria de que necessitava para julgar e orientar os seus consultadores. Via-se claro que Deus de fato o atendia com luzes excelentes para garantia de suas decisões sobre vocação.

Os bispos de Verona, Dom Lirutti e o sucessor, Dom Grasser, reconhecendo nele esse discernimento extraordinário, nomearam-no examinador das vocações sacerdotais.

Note-se que esse encargo só era confiado a sacerdotes muito prudentes e capazes de penetrar as consciências. Quando se apresentava algum candidato ao sacerdócio, a fim de expor o problema da sua vocação, Pe. Gaspar abria-se numa cordialidade de pai e imediatamente lhe ganhava simpatia e confiança.

Sempre que descobrisse um caso de vocação errada, ou falseada por motivações humanas, mostrava-se cordial como sempre, mas igualmente firme e enérgico em dar a sua negativa para a carreira sacerdotal.

Diante disso, alguns achavam que ele era cruel, por querer impedir o prosseguimento da vocação. Mais tarde, porém, diluído aquele primeiro entusiasmo vazio, feitas melhores considerações sobre o assunto, retornavam para lhe agradecer o voto negativo, pois reconheciam que os errados eram eles mesmos e não o venerando conselheiro.

Quando, porém, Pe. Gaspar descobria, nos que se lhe apresentavam, sinais concretos de verdadeira vocação, então era o primeiro a animá-los, a excitá-los à luta contra todos os obstáculos, a fim de chegarem lá onde Deus os convocava, a Ordenação Sacerdotal.

Esse glorioso mas difícil trabalho de discernir as vocações foi por ele exercido durante muitos anos. Na última fase da vida, oprimido por enfermidade insanável, diminuiu de muito o ritmo de seus atendimentos. Mesmo assim, antes de assumir alguma responsabilidade de vulto em benefício da cura de almas, os padres iam procurá-lo, a fim de receberem dele as orientações oportunas. Sua palavra, de enfermo combalido, ainda confortava, esclarecia, estimulava, como palavra caída do céu.

Vejamos um caso entre muitos: Havia na diocese de Verona uma Paróquia de péssima fama. Nenhum padre desejava ser pároco ali, porque o povo era difícil e rebelde. Aqueles que aceitaram o cargo de pároco, desistiram, como diante de uma façanha impossível.

O bispo resolveu então constituir nesse ofício um sacerdote bom e zeloso, mas ainda jovem. Claro que este procurou evitar a nomeação, mas esbarrou na resolução irrevogável do superior. Refletiu muito. Apesar disso, não conseguia aceitar o cargo. Por fim, sempre seguro, foi aconselhar-se com Pe. Gaspar e expôs-lhe o problema minuciosamente. Disse-lhe também que o povo já sabia daquela nomeação e demonstrava não querê-lo na Paróquia.

Qual foi a resposta do orientador? “Em primeiro lugar, você deve obedecer. O bispo quer? Obedeça! Agora, para ter êxito, faça o seguinte: diga claramente ao povo que você se reconhece muito jovem, sem experiência, e por isso deseja apenas cuidar das crianças. Que os pais mandem, portanto, os filhos menores à Igreja”.

Dito e feito! O jovem sacerdote assumiu a responsabilidade. Tratou logo de ganhar a simpatia dos meninos, dando-lhes algum presente, de vez em quando, e também mostrando-lhes como deviam comportar-se para com os pais. Em pouco tempo, os meninos foram mudando a conduta em casa. Por isso, os pais começaram a apreciar o padre.

É claro que a Igreja não ficou cheia de uma vez. Os adultos iam como que “pingando”, hoje um, amanhã outro, hoje o pai, amanhã a avó, depois um tio. A estima foi crescendo. Todos viram que o padre era mesmo bondoso, educado, cordial. Gostaram dele. Gostaram tanto que se resolveram a freqüentar a Igreja e a corresponder docilmente às orientações religiosas que o novo pároco lhes apontava. Belo êxito dos bons conselhos recebidos ao princípio, antes de tomar posse da Paróquia!

Quanto à influência de Pe. Gaspar na decisão de vocações à vida religiosa, vale exatamente o que já dissemos em torno das vocações sacerdotais. Quando, numa congregação de religiosos, havia problema sobre a vocação de algum candidato, os superiores não tinham dúvida em mandá-lo a Pe. Gaspar. Ele decidiria e sua sentença era tomada seriamente em consideração.

Uma prova disso se encontra na atitude do Pe. Viscardini, mestre de noviços na Ordem dos Jesuítas. Costumava ele enviar a Pe. Gaspar os candidatos de cuja vocação para a vida religiosa não havia suficiente certeza. O que Pe. Gaspar dissesse estava dito: Pe. Viscardini aceitava ou descartava o candidato, de acordo com o julgamento do venerando padre. É que reconhecia nele uma influência muito grande da graça de Deus, e luzes especiais do Espírito Santo para as acertadas decisões deste gênero.

Um outro fato comprova a confiança depositada em Pe. Gaspar no setor das vocações religiosas: Emílio Lippa desejava entrar na Ordem dos capuchinhos. Seu diretor espiritual, todavia, tentava provar-lhe que ele não era feito para aquele gênero de vida. Mas o Pe. Mazza disse ao moço que fosse consultar Pe. Gaspar. O jovem foi. Abriu-lhe toda a situação. A resposta de Pe. Gaspar veio segura e clara: você fará muito bem se atender à vocação para capuchinho.

Não foi preciso mais nada. Emílio Lippa fez-se capuchinho e, como tal, foi ordenado sacerdote. Quando faleceu, tinha fama de santo. Próximo a morrer, Frei Emílio Lippa declarou: “Há sessenta anos visto este hábito. Sinto-me imensamente feliz como capuchinho. Devo gratidão primeiro a Deus, que me chamou, e em seguida a Pe. Gaspar, que me aconselhou a seguir este chamado”.

### **13.2. Conselheiro do Bispo de Verona**

Aos 11 de agosto de 1827, depois de um ministério pastoral apaixonado e incansável, falecia D. Inocencio Lirutti, que havia dirigido a diocese de Verona por quase vinte anos. Ele teve o grande merecimento, graças à sua tenacidade, de renovar profundamente a instituição do seminário e de fazer um grande bem entre seus sacerdotes.

Seu sucessor, D. José Grasser, tirolês de Bressanone, entrou na cidade quase dois anos depois, aos 25 de março de 1829. As prevenções, mesmo entre o clero, não foram poucas; além do governo civil e militar da Áustria, agora juntava-se também o eclesiástico. Mas o novo bispo revelou-se logo um pastor capaz e bem preparado.

Naquela primavera, o curso de Exercícios Espirituais ao clero foi orientado por Pe. Gaspar. O novo bispo quis estar presente no encerramento, e foi naquela ocasião que encontrou, pela primeira vez, o humilde padre dos Estigmas.

Nasceu mais que uma compreensão entre os dois homens de Deus. A admiração de D. Grasser por Pe. Gaspar e sua obra era tão grande, que um dia exclamou: “Não ficaria maravilhado se, sobrevivendo ao meu Gaspar, o visse proclamado Santo pela Igreja, e destinado às honras dos altares”.

Ir. Paulo Zanolli foi uma testemunha fiel das freqüentes visitas do Bispo a Pe. Gaspar, em busca de conselhos: “Vinha de carruagem pelas quatro horas da tarde e voltava para a casa episcopal às oito”.

### 13.3. Conselheiro de todos

A Pe. Gaspar não afluíam apenas os sacerdotes e candidatos ao sacerdócio, ou os religiosos e candidatos à vida consagrada. Leigos de responsabilidade e desejosos de vida espiritual o consultavam, seguiam suas orientações com toda a segurança de estarem acertando diante de Deus. Buscavam nele orientações para assuntos espirituais, antes de tudo, mas, sempre que necessário, expunham problemas de ordem doméstica ou de assuntos da vida pública ou privada. Procuravam-no para isso pessoas da classe alta, da classe média ou do povo simples, de toda a profissão e situação social. Quando alguém tinha um problema difícil de resolver, o refrão que ouvia era sempre este: “Vá conversar com Pe. Gaspar”.

As pessoas atingidas por alguma aflição, desoladas pelas graves cruces que tinham de carregar, encontravam no padre aquela palavra substancial, saborosa, apropriada, tomada na Bíblia ou exemplificada pela vida dos santos. Quando se retiravam, achavam-se completamente animadas, dispostas a sustentar as cruces e os espinhos, pois viam as coisas debaixo de outro ponto de vista, a luz do amor a Deus e da vida eterna.

Às vezes, acontecia que padres de outras Paróquias chegavam a reconhecer como inúteis todos os esforços para converter algum pecador mais empedernido. O recurso era colocá-lo em contato com as orientações de Pe. Gaspar. As considerações do conselheiro acabavam por demolir todas as resistências do pecado, e punham o réu de joelhos a seus pés, para uma confissão de convertido, disposto a não pecar mais.

A este propósito, vejamos um caso:

Havia um senhor que gozava de consideração na sociedade e, além disso, tinha muitas riquezas. Um dia, uma bailarina fisgou-o e prendeu-o nos seus tentáculos, como um polvo à sua presa. Bem que o pároco, conhecedor daquela penosa situação, o advertia delicadamente.

Ele desejava romper os laços pecaminosos com ela, mas faltava-lhe coragem. Chegava a chorar de arrependimento; contudo, não conseguia decidir-se a abandonar a sereia.

O padre tomou então por outro caminho. Foi com ele até aos Estigmas, a fim de apresentá-lo a Pe. Gaspar. Deixou-o lá. Pe. Gaspar venceu as incertezas e indecisões do pobre homem. Converteu-o definitivamente, a fim de levá-lo a abandonar por completo aquela pecadora. Vinte anos mais tarde, o convertido continuava a celebrar ano a ano o aniversário de sua volta a Deus.

Um outro caso:

Certa ocasião, foi visitar Pe. Gaspar um advogado de Verona, junto com um dos seus clientes. Era preciso ouvir a opinião do famoso padre numa questão em que entrava o Direito Civil e assuntos de Teologia. Pe. Gaspar ouviu atentamente. Logo após, apresentou a solução com grande riqueza de argumentações, fundadas tanto no Direito Civil como no Direito Canônico. O caso ficou plenamente claro e resolvido.

Ao sair, o advogado lamentou que não tivesse sido escrita aquela doutrina jurídica de que Pe. Gaspar tinha dado provas na entrevista. Seria uma honra para qualquer advogado de fama dar, tão rápida e seguramente, a solução para um problema tão complicado como aquele.

O jesuíta Pe. Antônio Bresciani deixou escrito a respeito: “Pe. Gaspar unia a uma vasta cultura científica e literária uma sabedoria e prudência muito grandes. Eu sempre ouvi dizer que em Verona não se empreendia nenhuma obra de Deus sem consultá-lo. Os homens mais importantes e espirituais se deixavam guiar pelo seu tino em assuntos da alma e em problemas domésticos e sociais, quer públicos, quer particulares. Quando alguém dizia: “Acho-me perplexo por causa de um problema importante”, logo se lhe respondia: “Consulte o Pe. Gaspar”.”